

Um ano das Jornadas de Junho e nada resolvido

Em junho de 2013, um maravilhoso movimento eclodiu no Brasil. Ao todo, milhões de pessoas saíram às ruas por todo o país, em centenas de cidades, num período de menos de duas semanas. Protestavam centralmente contra o aumento das tarifas do transporte público e contra a repressão policial. Acuados, os governantes revogaram o aumento das tarifas e diversificaram as formas de repressão. As massas, sem um programa comum, saíram das ruas, mas podem voltar a qualquer momento.

Junho inaugurou uma nova situação política no Brasil, seguindo a onda de protestos que varre o mundo. A juventude que despertou para a vida política, embora confusa, se sente forte, vitoriosa e continuou se manifestando permanentemente por suas reivindicações concretas, mesmo que o tenha feito com contradições e de maneira fragmentada. Está rapidamente fazendo a experiência e dispensando ferramentas que não lhe servem.

O Estado burguês amplia e aperfeiçoa a repressão. Pisa em qualquer resquício de “direitos democráticos”. O Judiciário aprofunda a criminalização dos movimentos sociais. O Legislativo aprova leis que qualificam qualquer manifestação reivindicatória como crime ou terrorismo. O Executivo põe as forças armadas nas ruas contra os manifestantes, usando a chamada GLO (Garantia de Lei e Ordem). Na verdade, a burguesia busca adequar o aparato de Estado às suas necessidades para enfrentar

a nova situação onde a crise internacional se aprofunda e cada vez mais faz erodir a fina camada da encosta que sustenta a aparente estabilidade da economia brasileira.

O governo de coalizão encabeçado pelo Partido dos Trabalhadores aplica uma política de colaboração de classes e segue transferindo a riqueza do país para os especuladores nacionais e internacionais através das privatizações e do pagamento da dívida pública, em detrimento de investimentos em saúde, educação, moradia, reforma agrária, etc. Uma crise de representatividade percorre todo o movimento operário organizado, com cisões nas direções sindicais e crescente disposição de combatividade da base, inclusive nos sindicatos controlados pela cúpula cutista. E é nesse contexto que a FIFA exige praticamente um “regime de exceção” para a realização da Copa do Mundo, em junho de 2014.

O que vimos em Junho passado foi um fenômeno bastante conhecido pelos marxistas: a lei dialética da transformação da quantidade em qualidade e da qualidade em quantidade. Apesar da aparente estabilidade social, na verdade havia se acumulado uma série de contradições abaixo da superfície e faltava uma gota d’água para o copo transbordar: a repressão violenta da PM (Polícia Militar) de SP contra os jovens que lutavam por uma causa justa – a revogação do aumento das tarifas do transporte coletivo.

A gota d’água fez o copo transbordar, mas quando ele transborda,

tudo o que estava acumulado, que ajudou a encher o copo nos últimos anos, começa a vir à tona. E então nem é mais a última gota d’água o mais importante. As tarifas foram reduzidas, mas as pessoas continuaram saindo às ruas. Do dia para a noite, parece que tudo se tornou urgente. De repente, quem nunca participou de uma manifestação na vida, agora saía às ruas querendo mudar o país, mudar o mundo.

Apesar do refluxo natural do movimento, este sentimento continua latente, perpassando toda a classe trabalhadora. É isso que explica as greves de massa nos últimos meses e greves onde a base passou por cima de suas direções sindicais, levando o movimento mais longe do que queriam os pelegos de plantão.

Um ano depois de junho nada – absolutamente nada – foi resolvido. A tarefa central é a luta pela frente única. Ou seja, a luta pela unidade das massas em torno de um programa comum, um programa anticapitalista, anti-imperialista, socialista, que na nossa opinião se traduz na luta contra a criminalização dos movimentos populares e a construção em cada escola, cada faculdade, cada centro comunitário, dos comitês de luta da campanha “Público, Gratuito e Para Todos: Transporte, Saúde, Educação! Abaixo a Repressão!”. Por esse caminho podemos mobilizar, organizar e avançar na luta pelo fim do capitalismo e a construção do socialismo, abrindo a via para a solução de todos os problemas que afligem nossa sociedade.

Público, Gratuito e Para Todos: Transporte, Saúde, Educação! Abaixo a Repressão!

Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com

as organizações e agrupamentos ultraesquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denunciamento inócuo e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Foice & Martelo

Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional. Número 48 - 11 de Junho de 2014 - Preço R\$ 1,00

Fotografia do momento: Tribunal Regional do Trabalho, Governo Alckmin, polícia civil e PM atacam com tudo

Um ano após as jornadas de junho de 2013, inúmeras greves eclodem e trazem características novas após vários anos de lutas econômicas com cada uma no seu canto. Além do início de um processo de surgimento de greves de massas, o que significa um início de consciência política mais elevada nas mobilizações, começamos a ver as bases transbordando as direções que tentam frear as lutas e agora com a greve dos metroviários de SP estamos vendo uma radicalização, uma determinação e um sentimento de unidade novo nesta situação política. Só nas grandes greves dos anos 70 e 80 vimos isso. Do ABC à greve de Volta Redonda e muitas outras. É o anúncio de que o jogo está virando.

O aprofundamento da crise internacional, da crise no Brasil onde após festa e propaganda governamental jurarem que “agora vai!”, “o PIB vai deslanchar”, temos o anúncio de que o deus dos atuais governantes, o “Mercado”, prevê um PIBinho de 1,44% para 2014.

O fato é que o sentimento de que “lutando se pode conquistar” invadiu a classe trabalhadora novamente. E é por isso que uma Santa Aliança repressora, desesperada e sem limites, se conforma no Brasil, na esteira do que se passa no mundo.

Segundo os governantes, as leis não valem mais, ou melhor, valem para o que desejar o governante, o patrão e a polícia, independente do significado do que está escrito. As leis servem para manter o controle da burguesia sobre a sociedade. Se não estão cumprindo esse objetivo, a burguesia as afasta com a mão sem a menor cerimônia e mostra a



Metroviários paralisam parte do metrô de SP em greve que durou 5 dias na capital

cara bruta e a mão manchada de sangue empunhando a espada. O Estado em última instância (Executivo, Legislativo e Judiciário), nada mais são que um bando de homens armados para garantir a dominação capitalista. A greve dos valentes metroviários de SP é exemplar para isso.

TRT e governo declaram guerra total contra a classe e suas organizações

No domingo (como trabalham estes juizes!) o TRT decretou a greve abusiva e ilegal (!) e o pagamento de multa diária de R\$ 500 mil!

Segundo o TRT, a greve é ilegal porque não foi assegurada a decisão anterior do mesmo TRT de que o sindicato devia garantir 100% do Metro funcionando nos horários de pico e 70% nos outros horários, ou pagar R\$100 mil de multa diária.

O TRT assim, acabou com o direito de greve inscrito no art. 9º da Constituição Federal.

E depois, unânimes, os juizes desembargadores determinaram o desconto dos dias parados, a não estabilidade no emprego e que o reajuste salarial deve ser o definido pelo Metrô!

No mesmo dia, o governa-



Assembleia dos Metroviários decide suspender greve por 48 horas

dor Geraldo Alckmin ameaçou: “Quem não for trabalhar, incorre em possibilidade de demissão por justa causa. O TRT decidiu que a greve é abusiva, totalmente ilegal. Hoje não tem discussão, ela é totalmente ilegal. O TRT definiu o índice do dissídio e a proposta adotada foi a do Metrô. Então, não tem o que discutir”.

Na tarde de domingo, os metroviários responderam ao governador: “A Greve continua!” e enviam carta à Dilma pedindo ajuda para “que auxilie nossa categoria a reabrir as negociações com o governo do Estado de São Paulo”.

Na segunda, Geraldo Alckmin (PSDB) contra-ataca e demite 42 grevistas. E anuncia mais demissões e “afastamento” de dirigentes estáveis do sindicato.

13 detidos e todos ameaçados

No mesmo dia, a PM cercou 70 grevistas na estação Ana Rosa do Metrô, atirou bombas de gás e balas de borracha em manifestantes e prendeu 13 grevistas.

Os 13 grevistas presos foram levados para o 36º Distrito Policial, que é o mesmo lugar em

que a ditadura militar manteve um conhecido centro de tortura, na rua Tutóia.

A Secretaria de Segurança Pública (!) informou que os 13 presos foram detidos “após tentarem impedir o funcionamento da Estação Ana Rosa do Metrô e responderão judicialmente pelo artigo 201 do Código Penal (participar de suspensão ou abandono coletivo de trabalho, provocando a interrupção de obra pública ou serviço de interesse coletivo)”.

E o jornal O Estado de SP anuncia: “Os nomes dos sindicalistas já foi (sic!) repassados para a empresa. A ocorrência policial será usada para a elaboração de um boletim interno do Metro que pode levar à demissão dos detidos”. (OESP, 09/06/2014)

E a reação do Planalto?

Dilma está empenhada em impedir “baderna” durante a Copa. Alckmin, o TRT e a PM instalaram a “baderna” em SP. E daí?!

O sindicato pede ajuda para reabrir as negociações e o ministro do PCdoB, Aldo Rebelo, declara: “Acredito que os trabalhadores do metrô vão entender

a decisão da Justiça”. “O governo do Estado de São Paulo está negociando com os grevistas”. E completa: “Não conheço aqui no Brasil greve que tenha persistido em desafiar uma decisão da Justiça”. De que Brasil fala esse homem?!

Já o ministro do Trabalho, Manoel Dias, do PDT, declarou, na Suíça, que a greve tem caráter político.

O fato de que, em 9/06/14, os metroviários sob intensa pressão tenham decidido suspender a greve, não muda essencialmente nada na situação. O central é que cada vez mais se esvazia a esperança que o governo do PT resolva os problemas e cada vez mais se reafirma o sentimento de que só a luta pode conquistar.

A ferocidade da Santa Aliança se dedicando a esmagar as greves uma por uma, entretanto, terá consequências políticas inevitáveis. O sentimento de que uma greve isolada não resolve, mas que vai ser preciso uma greve de toda a classe para impor um recuo aos patrões e ao governo, vai colocar toda a questão num plano político superior. Este é o horizonte que vai surgir da atual situação.

A PM visita a Livraria Marxista

No dia 2 de junho, estiveram na Livraria Marxista, em São Paulo, três policiais militares. Três sargentos, para sermos mais exatos. Da última vez que a PM esteve na Livraria Marxista, há três anos, no dia seguinte assaltantes invadiram o local durante o dia, armados de revolver, e conheciam tudo. Roubaram os computadores, documentos e não se incomodaram nada com haver apenas R\$100,00 no caixa. Vamos ver o que vai acontecer agora.

Por volta das 16 horas, o interfone da Livraria foi acionado. Diante da porta estavam postados os policiais. Indagados sobre o motivo da visita, um sargento respondeu que gostaria de comprar um livro que estava na vitrine.

A porta foi aberta para atender este inusitado cliente. Entraram os três, armados e com coletes a prova de balas. Demonstravam que estavam em serviço. Um deles estava com o rádio transmissor ao ombro.

De pronto, o sargento leitor perguntou quanto custava os livros de

Trotsky, dois volumes de “A História da Revolução Russa”. Enquanto o preço era verificado, os outros dois olhavam atentamente tudo que havia dentro da livraria.

Indagamos ao sargento interessado em Trotsky, a qual batalhão pertencia e onde estava atuando. Ele respondeu que estavam fazendo a segurança nos eventos relacionados à Copa realizados no Vale do Anhangabaú e que não pertenciam ao Batalhão Tobias de Aguiar. Explicou que o choque estaria em serviço em outras atividades e que a função deles era preventiva na região. Um deles, não tirava a mão do cabo da arma, preventivamente, é claro. Observamos também que um deles mantinha seu rádio com o sinal aberto.

Olharam, olharam. Depois de receber a informação dos preços dos livros, trocaram mais algumas palavras e, após uma visita de aproximadamente 10 minutos com muita observação, saíram sem nada comprar. Nem mesmo um Jornal Luta de Classes, nem mesmo um Bole-

tim Foice e Martelo. Mas olharam com grande interesse suas capas, várias delas contra a repressão.

Qual o real motivo da visita? É difícil saber com precisão, mas certamente o interesse não estava na obra de Leon Trotsky. A PM está com presença ostensiva no centro da cidade, por conta dos eventos da Copa e, claro, para se preparar para enfrentar as manifestações. Uma livraria de esquerda, que expõe obras revolucionárias para os transeuntes, impulsionada por uma organização marxista, passou a ser um local a ser verificado.

E não esquecemos que nossa sede em Bauru foi atacada, no 1º de maio, por fascistas que colaram adesivos e cartazes “anti-antifascistas” em toda a frente do local.

Nossa livraria tem sido um espaço de debates políticos e que busca disponibilizar obras para a formação dos militantes de esquerda. Ela continuará cumprindo esse papel, um ponto de apoio para a luta da classe trabalhadora e da juventude pelo socialismo.

Flaskô: 11 anos de luta pela estatização

No dia 12 de junho de 2003 os trabalhadores da Flaskô tomaram a ousada decisão de ocupar a fábrica e colocá-la em funcionamento sob seu comando.

Esta decisão foi tomada após a participação em uma marcha a Brasília ao lado dos trabalhadores da Cipla e Interfibra, empresas de Joinville/SC, ocupadas desde outubro de 2002 pelos operários e que reivindicavam a estatização.

Lula, como sabemos, não estatizou nenhuma dessas fábricas. Ao contrário, em articulação com os ministérios da previdência e da justiça, atacou a Cipla e a Interfibra em 31 de maio de 2007, com 150 homens armados da Polícia Federal, para garantir a demissão do Conselho de Fábrica eleito pelos trabalhadores e a nomeação de um interventor para administrar as fábricas. A Flaskô, logo em seguida, também passou por uma tentativa



Trabalhadores da Flaskô exigem estatização da empresa

de intervenção, mas sem nenhum respaldo legal, e sofreu com o corte de energia por 40 dias seguidos. A Flaskô resiste, apesar de todas as tentativas de sufocá-la e isolá-la.

Esta luta se desenvolveu buscando a aliança com o conjunto do movimento operário brasileiro e internacional. Muitos foram os ataques, que ainda prosseguem, como os vários processos contra os dirigentes do movimento, incluindo o absurdo processo de “formação de quadrilha para ocupar fábricas”. Recentemente, no dia 9 de junho,

mais um leilão de 4 máquinas da Flaskô foi realizado. Graças a um ato com diferentes movimentos sociais, os empresários interessados em arrematar foram dissuadidos.

A Esquerda Marxista está nesta luta desde o seu início, é parte de nossa história. No dia 13 de junho, realizaremos um debate comemorativo na Livraria Marxista sobre os 11 anos de ocupação da Flaskô, que, apesar de todos os ataques, segue sendo um exemplo vivo do poder da organização e mobilização da classe operária.

Expediente: Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com).
 Diretor responsável: Serge Goulart. Editor responsável: Wanderli Bueno. Jornalista responsável: Rafael Prata: MTB nº 40040/SP.
 Sede Nacional: Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000
 e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.